



Notícia de um muro de sirga a jusante da foz do ribeiro do Feverlo no rio Tejo (Nisa)

News of a riverside wall path downstream
from the mouth of the Feverlo stream
on the Tejo River (Nisa)

Francisco Henriques, Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT)

Jorge Gouveia, AEAT

José Manuel Pires, Município de Vila Velha de Ródão

Ana Carmona, Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo (CIART)

Isabel Gaspar, CIART

João Caninas, AEAT

Açafa on line, 14 (2025)

Notícia de um muro de sirga a jusante da foz do ribeiro do Feverlo no rio Tejo (Salavessa, Nisa)¹

News of a riverside wall path downstream from the mouth of the Feverlo stream on the Tejo River (Salavessa, Nisa)

Francisco Henriques, Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), **Jorge Gouveia**, AEAT, **José Manuel Pires**, Município de Vila Velha de Ródão, **Ana Carmona**, Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo (CIART), **Isabel Gaspar**, CIART, e **João Caninas**, AEAT

Resumo A oportunidade proporcionada pelo abaixamento do nível da albufeira da barragem de Fratel, no rio Tejo, permitiu observar um trecho de muro de sirga oculto há mais de cinquenta anos. Este texto é uma curta notícia da sua existência proporcionada por um expressivo registo fotográfico.

Abstract An opportunity afforded by the lowering of the Fratel dam reservoir on the Tagus River allowed us to observe a section of a riverside wall path hidden for over fifty years. This text is a brief account of its existence, provided by a significant photographic record.

Palavras-chave muro de sirga, navegação fluvial, época moderna, rio Tejo.

Keywords Riverside wall path, River navigation, Modern period, Tejo river.

1. No verão de 2025 o nível das águas da albufeira da barragem de Fratel desceu para permitir a realização de trabalhos na referida estrutura. Esta situação possibilitou que o município de Vila Velha de Ródão organizasse uma visita ao núcleo de arte rupestre do Cachão do Algarve (Perais) para avaliar o estado geral das gravuras rupestres, visíveis com o abaixamento das águas, no âmbito de proposta de classificação daquele conjunto.

¹ A folha 314 da Carta Militar de Portugal designa este curso, de modo errado, como Ribeira do Fivenro.

A visita teve lugar no dia 8 de julho de 2025 e contou com a participação de Carlos Banha, arqueólogo da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, de Ana Carmona e Isabel Gaspar, técnicas do Centro de Interpretação da Arte Rupestre do Tejo (CIART), de José Manuel Pires, técnico do município rodanense e de Francisco Henriques e Jorge Gouveia, da Associação de Estudos do Alto Tejo, além do homem do leme, Vasco Fernandes.

As condições de visibilidade eram excelentes, o céu muito azul e pleno de luz, água tranquila e uma faixa nas margens sem vegetação, acima do nível da albufeira.



Figura 1. Localização do muro de sirga sobre ortofotografia (Google Earth).

O objetivo da visita ficou atrás expresso, mas disso será dada notícia noutra ocasião. Logo após a saída do cais Ródão, observou-se, junto da margem esquerda do rio (Figura 1), uma estrutura longa que emergia da água e que ao longe se confundia

com a margem. Era um muro de sirga, a que se associou o topónimo Feverlo, à falta de microtopónimo mais adequado, por se encontrar próximo da foz do ribeiro homónimo no rio Tejo.

2. No verão de 2019, com a descida acentuada das águas da barragem de Cedilho, foi identificado vasto conjunto de estruturas do mesmo tipo na margem direita do Tejo Internacional, na área de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova), documentadas em breve notícia publicada no número 12 da revista digital Açafa on line (Henriques *et al.*, 2020).

O muro de sirga que agora se apresenta (Figuras 2 a 8) teve idêntica finalidade aos observados em 2019, tal como muito outros existentes ao longo das margens fluviais, que era garantir um acréscimo de rendimento na navegação de barcos rio acima. Sobre ele caminhavam pessoas ou animais que à sirga puxavam as embarcações, quando não era possível fazê-lo à vela ou a remos.

A sua construção, reparação ou ampliação iniciou-se no séc. XVI (1581), prolongou-se até ao séc. XIX e visava contribuir para a materialização do projeto de navegabilidade do Tejo. Pretendia-se, nessa época, agilizar o percurso entre as duas capitais (Lisboa e Madrid) com fins económicos, militares e políticos, mormente quando reinou uma única coroa. Estas estruturas murárias eram edificadas numa ou noutra margem, consoante a necessidade, perante a presença de rápidos, cascalheiras e outros escolhos à navegação².

3. O muro de sirga em apreço localiza-se na margem esquerda do rio Tejo, adjacente ao município de Nisa, 225 m a jusante da foz da ribeira do Feverlo e a 2715 m a montante do cais fluvial de Ródão. Tem um comprimento de 410 m e uma espessura de 250 cm. Na área mesial apresenta um arqueamento suave, para acompanhar a

margem do rio. Na metade jusante da estrutura existe trecho de 28 m de comprimento e topo mais estreito, com cerca de 140 cm de largura. Esse estreitamento pode corresponder a espaço de acostagem para carga e descarga dos barcos, tal como está documentado no cais de Porto do Tejo, embora ali seja de menor dimensão, ou um modo de facilitar o acesso à base do muro (Figura 6). A passagem do piso do sirgadouro para a imersão faz-se através de rampa.

O muro foi construído com lajes de metagrauvaque, extraídas do assentamento do muro ou das suas imediações. Estas lajes, de forma tabular ou laminar, estão dispostas em posição vertical (a pino), sem aglutinante e encaixadas sob pressão, técnica de escama ou de carril³.

Por se encontrar submerso durante 50 anos foi poupado às investidas da vegetação e, concomitantemente, à destruição prematura. No passado, o seu uso, a manutenção a que era sujeito e as enchentes do rio ajudavam a preservar este tipo de construções, limpando-as e impedindo o desenvolvimento arbustivo e arbóreo, como vemos, por exemplo, no muro de sirga de Gardete, este último, visitável, a necessitar, urgentemente, de trabalhos de restauro e limpeza.

O sirgadouro da foz do Feverlo merece destaque especial, essencialmente pela sua monumentalidade, estado de conservação e ausência de vegetação em toda a sua extensão. A curto prazo irá ficar submerso e inacessível para visita.

4. Terminamos com um apelo às autarquias e às entidades tutelares do Património Cultural para a conveniência em prever trabalhos arqueológicos, de prospeção, registo e estudo, sempre que uma albufeira esvazie ou diminua substancialmente a cota, como agora aconteceu com o Tejo.

² Existe vasta bibliografia sobre o tema. Recomenda-se a consulta de: GÓMEZ, António López (1998) *La navegación por el Tajo. El reconocimiento de Carduchi en 1641 y otros proyectos*, Real Academia de la Historia, Madrid; AZEVEDO, Leonel (2020) *Notas para a história de Vila Velha de Ródão (e do seu concelho)*, Cinza das Palavras e Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão; HENRIQUES, Francisco; CHAMBINO, Mário; HENRIQUES, José e CANINAS, João (2021) *Sirgadouros*, obra

monumental no Tejo Internacional, e outras ocorrências de interesse cultural (Idanha-a-Nova), Açafa on line, 13 (2019-2020), Associação de Estudos do Alto Tejo, p. 257-304.

³ Técnica quase sempre usada em construções sujeitas à ação de submersão ou de águas revoltas, como são o caso de açudes, muros ribeirinhos, alguns moinhos e outras estruturas.



Figura 2. Muro de sirga visto do meio do rio.



Figura 3. Tipologia construtiva do muro de sirga: técnica de carril ou em escama.



Figura 4. Perspetiva da estrutura vista de jusante para montante.



Figura 5. Outra perspetiva da estrutura vista de jusante para montante.



Figura 6. Acostagem para barcos ou acesso à base do muro.



Figura 7. Perspetiva do muro vista de montante para jusante com estrutura de acostagem ao fundo.



Figura 8. Outra perspetiva do muro vista de montante para jusante.



Figura 9. Vista do muro a partir do rio de jusante para montante.



Figura 10. Vista frontal do muro a partir do rio.



Figura 11. Vista oblíqua de montante para jusante.



Figura 12. Perspetiva do muro de jusante para montante.